



# Ágoras digitais: a emergência dos blogs no ciberespaço e suas implicações na sociabilidade e cultura midiática<sup>1</sup>

Wagner Alonge<sup>2</sup> - UNESP/FAAC- Campus de Bauru/SP

---

**Resumo:** O objetivo deste artigo é buscar demonstrar a instauração de um novo parâmetro possível de comunicação através dos weblogs, verificando sua emergência enquanto um novo canal de comunicação midiática no contexto da sociedade contemporânea informacional, bem como identificar os processos históricos da emergência deste novo canal midiático visualizando e caracterizando seu âmbito, forma e implicações no campo da comunicação. Para assim ampliar a discussão acerca dos mecanismos de uma embrionária ação comunicativa digital e sua argumentação pública, concomitante ao paradoxo das possibilidades de representações individuais e privadas, ao lado das manifestações e, sobretudo das novas formas de mobilizações sócio-culturais no contexto emergente de uma possível cultura política midiática digital, possibilitada e potencializada pela formação de comunidades de interesses nos weblogs.

**Palavras-Chaves:** Weblogs; Ação Comunicativa Digital; Comunidades Virtuais;

---

**Abstract:** *The objective of this article is to demonstrate the setting of a new parameter possible to communicate through weblogs, checking its rising while a new channel of mediatic communication in the context of the informational contemporary society, as well as identify the historical processes of the rising of this new mediatic channel visualizing and characterizing its scope, form and implications in the field of communication. To broad the discussion over the mechanisms of a embrionary digital communicative action and its public argumentation, along with the paradox of the possibilities of individual and private representations, with the manifestations and, specially the new ways of socio-cultural mobilizations in the rising context of possible digital mediatic political culture, available and potencialized by the formation of communities of interests in the weblogs.*

**Keywords:** *Weblogs; Digital Communicative Action; Virtual Communities.*

---

## 1. Introdução

A chamada era da cibercultura nasce no contexto de globalizações diversas em que as características do que tem sido designado por pós-modernidade se tornaram mais claras e suas conseqüências se radicalizaram e se difundiram amplamente, num cenário evidente direcionado pela crise das ideologias e das utopias e do processo em marcha de unificação do planeta em torno de um único modelo político (neoliberalismo), de uma única ordem econômica capital (globalização) e de uma única rede de trocas eletrônicas (WEB/ Internet).

Traçando um panorama mais amplo, Rodrigues (1993) visualizando este cenário sob o contexto dos últimos anos do século passado afirma que:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Coordenada Internet e Política II, do I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, ocorrido na Universidade Federal da Bahia – Salvador-BA, 2006.

<sup>2</sup> ALONGE, Wagner é graduado/ licenciado em Ciências Sociais e bacharel em Sociologia pela Unesp/ Campus de Marília-SP, atualmente é mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Midiática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP (Universidade Estadual Paulista) Campus de Bauru-SP, na linha de pesquisa: Gêneros e Formatos, onde desenvolve pesquisa sobre jornalismo opinativo em weblogs sob orientação do Profº. Dr Ricardo Alexino Ferreira. E-mail: [wgalonge@ig.com.br](mailto:wgalonge@ig.com.br) .

O nosso século tornou-se assim o século da informação, tal como o século XIX foi o século da produção industrial, os dispositivos eletrônicos da informação permitem ultrapassar cada vez mais as limitações do espaço e do tempo que, até há pouco tempo, nos mantinham relativamente confinados à comunidade que nos tinha visto nascer, viver e crescer, mas devido a abundância, à rapidez e à instantaneidade da informação, a percepção da actualidade tornou-se uma realidade cada vez mais defasada em relação aos ritmos concretos da experiência humana que alimentam os processos comunicacionais”.(RODRIGUES, 1993, 24).

A penetrabilidade da revolução da tecnologia da informação e comunicação (TIC) em todas as esferas da atividade humana nas últimas décadas possibilitou a recriação constante de canais e instrumentos comunicacionais. Além desta renovação desenfreada, estes mecanismos foram rapidamente capturados e consolidados no cotidiano urbano de nossa sociedade industrial. Foi assim com a televisão, com os aparelhos celulares e com os computadores pessoais.

Castells (1999), relata detalhadamente o surgimento da Internet, descreve que ela originou-se de um esquema ousado, imaginado na década de 60, no contexto da guerra-fria, ‘pelos guerreiros tecnológicos’ da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

O resultado foi uma arquitetura de rede que, como queriam seus inventores, não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão. [...] a explosão da *Web* não foi nem prevista nem previamente desejada pelas grandes multinacionais da informática, das telecomunicações ou da multimídia, mas se expandiu como um rastro de pólvora entre os cibercibernetas.(CASTELLS, 1999, p. 21).

Hoje é visível que a *Web* é a maior expressão desta complexidade comunicacional, pois ela permite recriar todo um sistema de significados e interatividade baseado na liberdade de produção e de busca de informação. Os sujeitos podem facilmente através dela se expressar, se comunicar e criar redes de sociabilidade.

Dessa maneira o rápido desenvolvimento técnico e científico que presenciamos nas últimas décadas do século XX tem atraído cada vez mais a atenção de pesquisadores sociais. Por exemplo, as novas conquistas no campo da microeletrônica, que levaram a popularização dos computadores individuais, têm sido vistas por alguns autores, como constitutivas de uma nova sociedade, a assim chamada ‘sociedade informática’ (Schaff, 1990). No entanto, essas análises resvalam com frequência em velhas concepções deterministas, que pressupõem que as transformações no campo da técnica condicionam imediatamente transformações mais amplas no conjunto da sociedade. Em contrapartida, analistas mais criteriosos têm se voltado,

sobretudo, para a análise das novas práticas sociais que estão emergindo em setores específicos no mundo da cultura midiática virtual.

Referente a essa realidade, Castells afirma que o surgimento da sociedade em rede traz à tona novas formas comunicacionais e, sobretudo, novos processos discursivos de construção de identidades, induzindo assim novas formas de transformação social, principalmente quanto à socialização e os reflexos destas transformações na cultura midiática como um todo. Para Castells (1999, p. 27) “isso ocorre porque a sociedade em rede está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos sociais”.

Assim é possível diagnosticar uma realidade constatada por Sherry Turkle (1995), na qual chama a atenção para o fato de que atualmente,

Muitas das instituições que acostumavam aproximar as pessoas - uma avenida principal, um sindicato, plebiscitos - não funcionam mais como antigamente. Muitas pessoas passam hoje a maior parte de seus dias sozinhas na frente de uma tela de TV ou computador. Enquanto isso, seres sociais que somos, tentamos retribalizarmos. E nessa ação, o computador tem um papel central [...] O que a comunicação mediada por computadores fará com nossas brigações perante outras pessoas? Ela satisfará nossas necessidades de conexão e participação social ou minará ainda mais os frágeis relacionamentos? (TURKLE, 1995 apud ANTUNES, 2001, p. 23).

Essas duas últimas questões apresentadas por Turkle representam uma problemática fundamental, uma vez que é necessário buscar compreender os impasses e a ordem paradoxal instaurada em uma sociedade cada vez mais fragmentada, com dificuldades de aglutinação e mobilização política devido à total individualização dos comportamentos e o crescente desinteresse com as coisas públicas, paralelamente à saturação de informação e à proliferação cada vez maior de possíveis mecanismos tecnológicos a serviço da comunicação, conscientização e socialização política.

Habermas, em seu livro *Mudança estrutural na esfera pública* (1962), demonstra que:

[...] uma parcela importante das conquistas e liberdades que desfrutamos hoje se deveu à formação de uma esfera pública, em que sujeitos, em princípio livres, se reúnem para discutir e deliberar sobre seus interesses comuns. Transferindo para a atualidade, a economia de mercado criou em seus primórdios um espaço público sustentado pela circulação de mídia impressa que permitiu à burguesia desenvolver uma consciência crítica em relação às autoridades tradicionais, encarnadas no estado e na Igreja. Entretanto, a expansão do aparelho de estado e do poder econômico, ocorrida no último século, rompeu com o frágil equilíbrio em que se sustentava essa forma de sociabilidade, transformando o papel da mídia ao mesmo tempo em que sua base tecnológica (RÜDIGER, 2001, p. 140).

Dessa forma a esfera pública passou a ser colonizada pelo consumismo promovido pelos interesses mercantis e pela propaganda manipuladora. Assim sendo, de acordo com Habermas, o conteúdo crítico que essa esfera em princípio possuía viu-se, pois, forçado a ceder terreno e a assistir o surgimento de novas realidades.

A figura do cidadão foi eclipsada pelas do consumidor e do contribuinte. A procura do consenso político pelo livre uso da razão individual teve de retroceder perante o emprego da mídia a serviço da razão de estado e a conversão da atividade política em objeto de espetáculo.(RÜDIGER, 2001, p. 141).

Para Habermas, a crescente apatia ou desinteresse da população para com a ação política, senão pela própria vida democrática, é correlata à destruição da cultura como processo de formação libertador e de liberação de potenciais cognitivos que tem lugar na era de sua conversão em mercadoria. Nesse aspecto cabe pensar a *Internet* como um meio pelo qual a humanidade tem buscado se reconectar consigo mesma, através da gestão de novas formas de comunicação, sociabilidade e reorganização de uma embrionária esfera pública virtual. Deste princípio, é necessário propor uma primeira análise que parte do pressuposto de que essas ações de comunicação que usam a Internet como suporte, possuem um princípio ativo catalisador que a torna atrativa e faz desta rede de redes de computadores, através do mundo, uma forma de comunicação que passou pela mais rápida ampliação e uso já registrado na história.

Nesse sentido, indo de encontro ao que defende Paveloski (2003), é preciso retomar a *Teoria da Ação Comunicativa* desenvolvida por Jürgen Habermas, que neste caminho começa pela idéia de que os conceitos de Esfera Pública e Mundo da Vida<sup>3</sup> compõem os parâmetros básicos para que a Internet possa ser analisada por um prisma mais humanitário e menos tecnocrata.

Isso quer dizer que a idéia de agir comunicativamente e promover ações comunicativas não é simplesmente proporcionar e incentivar a criação de espaço para manifestações individuais das mais variadas, como a Internet o faz. É preciso levar em consideração, usando o estímulo que Habermas nos dá, que precisamos analisar a existência das verdadeiras ações comunicativas no âmbito da rede de redes, aberta, fluída, mesmo que muitos países a olhem com certa desconfiança. É válido frisar também que tais ações só acontecem através daquilo que Habermas classificou como uma das qualidades do verdadeiro agir comunicativo:

---

<sup>3</sup> Quando apresenta sua idéia de Mundo da Vida, na obra "*Mudança Estrutural da Esfera Pública*" (1962) e a desenvolve em outros livros, em especial no trabalho, "*Teoria do Agir Comunicativo*" (1987), Habermas busca mostrar a racionalidade dos indivíduos mediado pela linguagem e comunicatividade. Esses elementos se constituem em instrumentos de construção racional dos sujeitos calcado na estruturação de três universos: o objetivo, subjetivo e o social. Esses três mundos, que compõe simultaneamente o mundo da vida, referem-se a totalizações diferentes que englobam desde o processo de relação formal entre sujeito e instituições formais constituídas até as experiências cognitivas adquiridas pelo sujeito no processo cotidiano de suas relações sociais. Já sobre a esfera pública, podemos classificar tal conceito como a reunião de sistemas e sub-sistemas, mais a reunião de um público, formado por pessoas privadas, que constroem uma opinião pública. Essa esfera pública seria então a esfera de representação de uma teia para a comunicação de conteúdos e tomadas de posições, de opiniões. Esta teia compõe uma série de filtros que contribuem para a formação da opinião pública institucionalizada, o que influencia diretamente o entendimento genérico que se tem da própria esfera pública, da participação do indivíduo nesta esfera e na formação da opinião pública, influenciando por fim a linguagem da práxis cotidiana. (Cf. PAVELOSKI, Alessandro. Comunicação e Internet: Visões e Interpretações. Bauru: 2003).

“consensos alcançados por possibilidades reais de discussão de temas públicos”. (HABERMAS, 1987, p. 39).

Num breve resgate histórico poderíamos lembrar que ao longo dos séculos a expressão da opinião pública está ligada a uma atividade política.

[...] Eram as deliberações dos cidadãos da Polis grega, realizadas no local do mercado, o *ágora*, que orientavam a tomada das decisões pelo governo ateniense. Em fins do século V a.C., aparece uma classe de homens políticos, que cortejam a opinião, para conduzir o povo no sentido que desejam. A mesma coisa acontece com a *Vox Populi* dos romanos. O *fórum* substituiu-se o *ágora*, mas apenas os cidadãos de Roma têm direito a expressar sua opinião. Na Idade Média europeia, com a notável homogeneidade dos sistemas de valores e de crenças, encontramos o conceito de *Consensus Omminium* (acordo de todos), que expressa a voz de uma opinião coesa em torno da fé cristã. Já o Renascimento marca o advento do indivíduo e, com ele, o direito à diversidade das opiniões. O século XIX assiste ao estabelecimento da primeira revolução industrial, a classe média triunfa, a imprensa desenvolve-se.[...] Através de revoluções sucessivas, a expansão das idéias republicanas leva o mundo ocidental a generalização do sufrágio, em fins do século XIX. O século XX vê o advento das democracias modernas, a proliferação das técnicas e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. A opinião torna-se um tribunal que avalia os atos do governo. Na era das comunicações de massa, a massa teria condições de informar o governo sobre as repercussões de seus atos, num processo contínuo de *feedback*. (AUGRAS, 1974, p.14-15).

O surgimento dos jornais diários no século XVII consagrou a possibilidade do desenvolvimento da opinião crítica. Sendo uma imprensa de manifestação de opinião e de informação, mas é, sobretudo no século seguinte que a imprensa se desenvolve, desempenhando um papel não desprezível na formação da opinião esclarecida, que contribuiria até a Revolução Francesa.

Dando um salto cronológico, a Internet hoje inspiraria imagens de um grande sistema público mundial de interconexões de máquinas e redes que promovem esse agir comunicativo e formação de consensos opinativos. A constituição da esfera pública não é representada aqui só pelas tentativas que os Estados, instituídos legalmente ou por força, colocam em prática para regulamentar o poder comunicativo da rede das redes, tentando formatá-la como buscam às vezes fazer com os meios de comunicação de massa tradicionais. É possível ainda avaliar que esta esfera pública representa também o âmbito ético, moral e sócio-técnico que promove as interações entre diversas esferas públicas através do planeta, visando encontrar um consenso. Tal consenso não seria apenas tecnológico, mas se daria pela força sem violência do discurso argumentativo. No âmbito do ciberespaço, este consenso configura-se como discurso multilateral, globalizante e, como previa Marshall McLuhan, baseado numa oralidade quase que tribal, promovendo uma nova linguagem entre o formal e o informal.

Qualquer grupo ou indivíduo pode ter, a partir de agora, os meios técnicos para dirigir-se, a baixo custo, a um imenso público internacional. Qualquer um (grupo ou indivíduo) pode

colocar em circulação obras ficcionais, produzir reportagens, propor suas sínteses e sua seleção de notícias sobre determinado assunto. (LEVY: 1999:239-240)

É fato que após o surgimento e a difusão da Internet, alguns aspectos referentes à democratização da informação sofreram grandes mudanças. Antes dos aparatos tecnológicos para produção e difusão de conteúdo, disponibilizados hoje pelas ferramentas acessíveis via Internet, a produção de informações limitava-se a condições técnicas e de difusão restritas. Hoje, com conhecimentos básicos em informática, um computador com acesso a rede e a um baixo custo, qualquer usuário pode produzir e divulgar conteúdos para um incontável número de pessoas por todo o mundo (LEVY: 1999).

Tudo isso ocorre no âmbito da globalização generalizadora, das novas relações internacionais e do advento de tecnologias da comunicação onde assistimos a consolidação da interdependência global, tendo como êxito o declínio de instâncias e mediações político-institucionais conhecidas desde a modernidade, ganhando agora terreno atenções e interesses localizados em uma microestrutura social, a da realidade cotidiana das comunidades. Globalizada, que hoje esteja, a comunicação e a prática cotidiana de seus atos ganha relevo como instrumento de incentivo à solidariedade comunitária.

Portanto, caberia fazer uma defesa incisiva do caminho de utilização das tecnologias em curso e todo o conhecimento científico e empírico no qual são fundadas, em função da mobilização social buscada, no sentido do estabelecimento de uma possível ordem democrática e igualitária, com o uso das novas tecnologias e suas potencialidades sociais, mas aqui cairíamos num dilema inquietante, de pensar como efetivar isso numa realidade como a brasileira, onde a inclusão digital soa enfadonha diante das infinitas não inclusões sócio-econômicas vigentes como as questões do emprego, educação, moradia entre tantas outras.

No Brasil o Comitê Gestor da Internet (CGI.br), enquanto coordenador das iniciativas de serviços Internet no país, tem como uma de suas principais atribuições coletar e disseminar informações periódicas sobre os serviços Internet. Para monitorar e avaliar o impacto sócio-econômico das tecnologias da comunicação e da informação (TIC) no país, o CGI.br se uniu ao IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na construção de indicadores sobre a penetração e uso da Internet no país<sup>4</sup>.

**Tabela 1- Percentual de domicílios com acesso a Internet por classe de rendimento mensal familiar**

<sup>4</sup>Para formar um banco de dados abrangente sobre a realidade da Internet no país, o CGI.br acertou com o Ibope a publicação de alguns indicadores de uso da rede que o instituto de pesquisa divulga periodicamente. Tal projeto pretende disponibilizar as séries históricas de internautas ativos e horas navegadas desde 2000, e onze indicadores mensais de acesso à Internet no mundo e no Brasil, a partir de Agosto de 2005. A parceria com o IBGE prevê também desde o ano 2000 a inclusão de um módulo com 23 questões básicas sobre penetração e uso da Internet na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD incluindo indicadores sobre local de acesso à Internet, frequência de uso, tipo de serviços e atividades realizadas, entre outras. (Cf. site do Comitê gestor da Internet no Brasil <http://www.cgi.br> ).

Salário Mínimo	Total	Até 10	10 a 20	Mais de 20
Microcomputador com acesso a Internet	12,2	5,9	49,6	72,0
Microcomputador	16,3	9,3	59,8	79,0
Telefone Fixo	48,9	42,8	90,6	95,6

Fonte: PNAD 2004 (IBGE)

Os dados da pesquisa de TIC Domicílios<sup>5</sup> reforçam que o acesso e uso do computador e da Internet no país depende unicamente do nível socioeconômico do indivíduo, sua renda familiar, e a região onde vive. A penetração da posse e uso do computador e da Internet nos diversos segmentos sociais se concentra nos indivíduos de famílias mais ricas e, em paralelo, nos indivíduos que moram em regiões mais ricas. Além disto, pessoas mais jovens usam mais o computador e a Internet que pessoas mais velhas.

Com relação ao uso do computador, a pesquisa mostra que:

- 55% da população brasileira nunca utilizou um computador;
- 16,6% da população brasileira possui um computador em casa;
- 30% da população brasileira utilizou um computador nos últimos 3 meses;
- 13,8% da população brasileira usa computador diariamente;

Quanto ao uso da Internet, a pesquisa aponta que:

- 68% da população brasileira nunca utilizou a Internet;
- 24% da população brasileira utilizou nos últimos 3 meses ;
- 9,6% da população brasileira usa a Internet diariamente;
- 41% da população brasileira utiliza a Internet para atividades educacionais;
- 32% da população brasileira utiliza a Internet para fins pessoais;
- 26% da população brasileira utiliza a Internet para trabalho.

Segundo o PNAD 2004 (IBGE) 12,2% dos domicílios brasileiros tinham um computador com acesso a Internet em 2004. Este percentual correspondia a um total de 6,3 milhões de domicílios ou 22 milhões de pessoas<sup>6</sup>. Já pesquisa do IBOPE/NetRatings,

---

<sup>5</sup> A Pesquisa TIC Domicílios mediu a penetração e uso da Internet em domicílios, incluindo uso de governo eletrônico, comércio eletrônico, segurança, educação e barreiras de acesso. As entrevistas foram realizadas presencialmente, em 8.540 domicílios e com indivíduos a partir dos 10 anos. Os resultados permitem a apresentação dos indicadores por 15 regiões e áreas metropolitanas, classe social, instrução, idade e sexo.

<sup>6</sup> Os dados são da PNAD 2004 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <http://www.ibge.org.br> - no dia 29/09/2005).

demonstra que cerca de 13,5 milhões de pessoas acessaram a Internet de suas residências entre julho e setembro de 2005. O total de pessoas com acesso a Internet de qualquer local foi estimado em 32,1 milhões. A mesma pesquisa realizada em junho 2006 apontou que o número de usuários residenciais ativos da Internet brasileira neste mês foi de 13,4 milhões de pessoas, equivalente a uma alta de 1,1% sobre maio do mesmo ano. O tempo médio de navegação mensal manteve-se próximo ao do mês anterior: 20h33min frente a 20h25min. O desempenho mantém o Brasil na liderança mundial em termos de horas navegadas no domicílio.

Dados mais abrangentes do relatório *Information Economy Report 2005*<sup>7</sup> publicado pela Organização das Nações Unidas apontam que o Brasil com sua variável de 22 a 30 milhões usuários ficaria em décimo lugar na lista dos países com maior população de internautas. O primeiro lugar é dos Estados Unidos, com 185 milhões de cidadãos conectados, seguido pela China, com 95 milhões. A ONU mostra também que, embora a Internet tenha avançado e conquistado quase 900 milhões de usuários em todo o mundo, a propalada "sociedade da informação" enfrenta a barreira digital: 57% das pessoas com conexão à rede mundial de computadores estão nos países ricos.

O número de computadores no mundo também deixa clara a divisão entre ricos e pobres. Em toda a África, segundo a ONU, existem 11,5 milhões de máquinas. No Brasil são 19 milhões, na Coreia, 26 milhões. Dos mais de 760 milhões de computadores existentes no mundo, 520 milhões estão em países ricos.

Assim, com estes dados fica nítida a constatação do retrato da também exclusão digital, isso é um fato relevante, mas não é nosso enfoque, pois mesmo sendo isso um problema a ser pensado e solucionado, o processo tecnológico em curso ocorre em ritmo acelerado, na medida em que assistimos hoje a ênfase nos dispositivos personalizados, na interatividade, na formação de redes e na busca incansável de novas descobertas tecnológicas o que vem moldando os parâmetros de troca de informações e hoje a Internet já é uma esfera social enraizada em nossa sociabilidade urbana global, necessitando, portanto que pesquisadores se debrucem e analisem este processo em curso criteriosamente, enfrentando assim os desafios de que apenas o processo de inclusão/ exclusão digital seriam temas mais prioritários.

Sem que cheguemos a percebê-lo com inteira nitidez, diante deste cenário nebuloso, podemos sim afirmar que os meios tecnológicos que estão à nossa volta alteram as condições

---

<sup>7</sup>Dados Disponíveis no site: [http://idgnow.uol.com.br/internet/2006/03/23/idgnoticia.2006-03-23.6154838942/IDGNoticia\\_view](http://idgnow.uol.com.br/internet/2006/03/23/idgnoticia.2006-03-23.6154838942/IDGNoticia_view) acessado em 27/07/2006.

em que vivemos, tais recursos tecnológicos de que dispomos ganham o encargo de promover e tornar mais ágil aquilo que nos define como seres humanos: a comunicação.

Então, faz-se necessário pensar através da história, como uma máquina de calcular gradativamente foi se transformando numa máquina social, num gigantesco cérebro planetário, e, conseqüentemente, como algumas formas de sociabilidade, tanto em nível de trabalho quanto nas relações pessoais, foram alteradas, visto as relações sociais estabelecidas no ciberespaço estarem gerando códigos e estruturas próprias que, se não necessariamente inéditas, estão sendo readaptadas, em conformidade com cada comunidade.

Segundo Lévy, o ciberespaço<sup>8</sup> é hoje o sistema com o desenvolvimento mais rápido de toda a história das técnicas de comunicação. Pois,

[...] ao destronar a televisão, ele será, provavelmente, desde o início do próximo século, o centro de gravidade da nova ecologia das comunicações. Mas as razões de um interesse mais próximo não são apenas quantitativas. O ciberespaço encarna um dispositivo de comunicação qualitativamente original, que se deve bem distinguir de outras formas de comunicação de suporte técnico. (LÉVY, 2000, p. 206).

Lévy ressalta outro aspecto do ciberespaço no que se refere à intermediação da informação, pois diz que até agora, o espaço público de comunicação era controlado através de intermediários institucionais que preenchiam uma função de filtragem e de difusão entre os autores e os consumidores de informação. Já o surgimento do ciberespaço cria uma situação de desintermediação, pois quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal.

O ciberespaço então têm como principal atração a comunicação interativa, inserindo-se aqui os *weblogs*. A idéia de diário eletrônico ganha então com todo esse aparato tecnológico, uma ambigüidade fundamental: a reafirmação do privado numa esfera potencialmente pública.

Sob esse prisma paradoxal, o que podemos pensar e afirmar é que de fato através deste novo canal midiático virtual, sujeitos se ligam por um mapa semântico subjetivo em torno de suas identidades e no compartilhar significados sociais e culturais diversos através do discurso interativo e organização de comunidades de debates da opinião pública, podendo então os *weblogs* serem concebidos como *ágoras*<sup>9</sup> digitais.

---

<sup>8</sup> Segundo Lévy em sua obra *Cibercultura* (1999), ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, especificando não só os próprios seres humanos, mas o universo de informações e os próprios seres humanos que o movimentam. (Cf. LÉVY, 1999, p.17)

<sup>9</sup> Denominação referente a praça das antigas cidades gregas na qual se fazia o mercado e onde se reuniam, muitas vezes, as assembléias do povo. (Cf. Dicionário Aurélio Século XXI-Edição eletrônica).

## 2. WEBLOGS: DEFINIÇÕES, ASPECTOS TÉCNICOS E HISTÓRICOS.

Quem entra nas páginas do mundo *on-line* desde meados do ano de 2003, encontra um novo Universo: *os weblogs*. São registros pessoais diários onde se exploram todo o tipo de assuntos desde fotografia, poesia, literatura, política ou até mesmo detalhes de uma vida íntima ou críticas políticas e sociais<sup>10</sup>. Os *weblogs* podem então ser destacados como um novo canal comunicacional que se disseminou rapidamente atingindo níveis intensos na proliferação de debates e discursos sobre variados temas e questões, ou seja, instaurou-se como mais uma prática comum e cotidiana no ciberespaço. De acordo com o *Technorati*, site que pesquisa dados em *blogs*, a cada dia são criados entre 8 mil e 17 mil novos blogs e 275 mil comentários são colocados nos *blogs*, constituindo uma média de três *blogs* atualizados a cada segundo, evidenciando o alto grau de participação ativa nestas páginas<sup>11</sup>.

*Blog* vem da abreviação *weblog*, que significa, *web*: teia, tecido, para designar o ambiente virtual e *log*: diário de bordo. Segundo o Dicionário de Tecnologia (2003, p. 951), um *weblog* é uma página Web que:

[...] tem origem pessoal ou não-comercial que usa um sistema de datas, para que seja atualizado diariamente ou quando algo acontece sobre algum assunto [...]. Em geral, *weblogs* são feitos para um ou mais assuntos ou temas [...] e expressam o pensamento ou temas do interesse do desenvolvedor, que pode ser uma ou mais pessoas.

Os *weblogs* são, portanto, basicamente páginas dinâmicas pessoais que funcionam como uma espécie de diário, que pode ter como fio condutor a vida do(s) dono(s) da página ou um ou mais assuntos sobre o qual esse(s) mesmo(s) dono(s) possa(m) discorrer livremente.

<sup>10</sup> Durante a campanha militar no Iraque houve mesmo um registro de guerra feito a partir de Bagdá. Um diário de quem via as bombas cair e tinha histórias de um dia-a-dia numa cidade que estava no centro das atenções do Mundo. Durante o auge da guerra contra o Iraque e a escassez de informações a chegar ao Ocidente, os informes mais eloqüentes nos chegaram graças a esse novo fenômeno. Causou sensação o blog de um indivíduo em Bagdá narrando, em inglês, o cotidiano de sua cidade debaixo da guerra. Assinava-se *Salam Pax*, e, devido à alta qualidade de seu texto o jornal britânico *The Guardian* começou a publicar os blogs de *Salam Pax*. (Cf. IG Notícias: <http://www.ig.com.br> acessado em 23/11/2004)

<sup>11</sup> O número de blogs presentes na Internet mundial chegou a 30 milhões no mês de março de 2006, segundo o serviço de buscas especializado nos diários digitais *Technorati*. Além do alto número, o *Technorati* contabiliza também cerca de 2,1 bilhões de *links* cadastrados em seu banco de dados para que o usuário faça buscas. Na última edição da pesquisa Estado da Blogosfera, conduzida pelo serviço e divulgada na segunda semana de fevereiro, a *web* continha cerca de 27,9 milhões de diários digitais. Foi necessário pouco menos de um mês para que fossem criados os 2,1 milhões de blogs que faltam para que a cifra atingisse os 30 milhões. Na ocasião, o levantamento do *Technorati* apontava que o universo de blogs era 60 vezes maior que há três anos atrás e que tal febre se refletia tanto na adoção dos diários por grandes jornais, como *The New York Times*, *CNN* e *The Washington Post*, como pela taxa de crescimento de um novo diário por segundo em todo o mundo. Em média, um *blog* é criado a cada segundo, todos os dias, e 13,7 milhões de *bloggers* continuam a atualizar seus blogs três meses após a sua criação. São registrados 1,2 milhões de novos *posts* a cada dia, uma média de 50 milhões por hora. Apontados como novo sistema de publicação e exploração de mídia, os blogs já formaram até conglomerados de comunicação, como o norte-americano Gawker Media, que controla diários como o *Gizmodo*, *Kotaku* e *Wonkette*. No Brasil, a experiência comercial com blogs ainda é restrita, com exemplos como o do jornalista Ricardo Noblat. (Cf. <http://technorati.com/weblog/2006/02/83.html> , Por Redação do *IDG Now!* Publicada em 08 de março de 2006, acessado em 4 de abril de 2006)

Percebe-se a inconsistência da definição e não possibilidade de definição homogênea e total, mas com efeito, o cunho pessoal está presente em vários outros tipos de páginas e mesmo o sistema de datas não é utilizado por todos os *weblogs*.

De qualquer forma, é exatamente o aspecto pessoal – e independente – que chama a atenção em um *weblog*. Salvo raras exceções, não existe nenhum tipo de censura ou edição prévia de seu conteúdo e o(s) dono(s) têm total liberdade para exprimir-se.

Do lado do observador, o interesse pessoal também conta pontos. O visitante que se identifica com o tema ou o autor da página costuma voltar porque sabe que algo muda com uma frequência esperada, geralmente diária ou próxima disso. Ademais, a maior parte dos *weblogs* é dotada de um sistema de comentários, o que permite ao visitante uma interação direta com outros participantes e com o proprietário da página, algo difícil de conseguir em outros tipos de *site*.

A estrutura básica típica de um *weblog*, portanto, comporta um espaço no qual se redigem textos – os *posts* –, que podem ser ilustrados com imagens, sons ou vídeos, e que é geralmente organizado cronologicamente; e um espaço para que os leitores postem suas opiniões sobre o *post*, sobre o próprio *weblog* ou mesmo sobre seu dono – o *comment* ou comentário.

A origem do *weblog* está relacionada a uma ferramenta lógica bastante utilizada em sistemas informáticos: o *log*. Basicamente, trata-se de um arquivo cuja função é gravar um registro das atualizações de um determinado tipo de dados, constituindo um histórico que auxilia na manutenção desses mesmos dados.

Essa noção de arquivos de *log* está ligada mais remotamente aos diários de bordo dos antigos navios à vela. Os capitães desses navios faziam ao menos uma entrada por dia nesses livros, registrando data, hora, condições do mar, eventos notáveis, etc.

O primeiro *weblog* da história foi a página *What's New* do site <<http://info.cern.ch/>>, do CERN (*Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*). A página foi criada em 1992 pelo consultor de software Tim Berners-Lee, inventor do protocolo HTTP<sup>12</sup> e da linguagem HTML<sup>13</sup> e considerado o criador da *Web* tal qual a conhecemos.

O termo “*weblog*” foi cunhado em dezembro de 1997 por Jorn Barger. Em 1999, outro editor de *weblog*, Peter Merholz, cunhou o termo contraído “*blog*”. Do termo *blog* surgiu, em inglês, o verbo “*to blog*”, traduzido ao português como “*blogar*”. Por extensão, o dono do blog passou a ser chamado de “*blogueiro*”.

---

<sup>12</sup> *Hypertext Transfer Protocol*.

<sup>13</sup> *Hypertext Marked Language*.

Da história dos *weblogs* podemos listar alguns pontos de contato com o jornalismo. Se nos ativermos ao pensamento de Alexis de Tocqueville (1977) em sua análise sobre a sociedade americana, veremos que ele aponta os jornais como formadores de empatias, que possibilitam o agrupamento dos leitores pela identificação com o veículo e as temáticas tratadas. Em outras palavras, os jornais teriam a faculdade de agregar ou formar comunidades de interesse. Nesse ponto, teríamos a definição de um mecanismo bem próximo ao descrito anteriormente para os *weblogs*.

Outro ponto de convergência diz respeito à independência e à liberdade de expressão. Tanto a imprensa quanto os *weblogs* reivindicam a característica de não serem dependentes de interesses alheios à sua própria constituição e à relação comunidade-autor e fundamentam boa parte de sua existência na possibilidade de exprimirem notícias e/ou pontos de vista sem censuras diretas e prévias de instituições superiores.

### **3. A FORMAÇÃO DE COMUNIDADES VIRTUAIS ATRAVÉS DOS WEBLOGS**

Um ponto a abordar é a questão do relacionamento com o público ou comunidade, que é um dos aspectos mais importantes dos blogs. A formação dessa comunidade virtual é explicitamente visível, pois na maioria dos blogs existe mecanismos de *links*, ou seja, mecanismos inseridos pelo autor do blog para se ter acesso direto a outros blogs com interesse potencial do leitor.

Pode se dizer que é muito comum, em diversas análises feitas sobre a rede das redes, o destaque de seu poder de formação de comunidades. Mas o que se quer dizer com essa afirmação? ‘Comunidade’ se tornou uma palavra da moda, citada por quase todos os meios de comunicação, em diversos contextos. Seu uso indiscriminado acaba por colocá-la no limiar de sua perda de significado. O resultado desse fato é a perda de sua precisão descritiva, o que faz com que ela retenha apenas um vago conceito, levemente positivo.

Buscando algumas definições primárias sobre tal palavra, teríamos como destaque as seguintes enumerações de sentidos: Comunidade: 1) Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica; 2) Qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns; 3) Grupo de pessoas que comungam uma mesma crença ou ideal; 4) Agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos.

Temos então a constatação sociológica de que ser humano e viver em comunidade é algo implícito e totalmente condicionante, sendo possível afirmar então que o uso comum de

tal conceito serve quase sempre na tentativa de indicar os diferentes elos sociais que um mesmo sujeito espontaneamente se vincula, ou seja, como forma de nomear os diferentes vínculos e contextos que um mesmo indivíduo pertence, como, por exemplo, à comunidade local, à comunidade gay, à comunidade científica, à comunidade judaica, à comunidade rural e até à globalizada comunidade internacional ao mesmo tempo. Dessa forma pode até parecer que não é possível ao ser humano moderno deixar de pertencer a algumas delas, o que, em última instância, não significa absolutamente nada.

Aí perguntaríamos, o que então classificaria um agrupamento social, seja físico ou virtual - como relevante? Para responder a essa questão é preciso analisar um modelo clássico de comunidade, como a religiosa. Nela, todos os seus membros estão sujeitos a um conjunto de regras, que não só determina seus interesses como influencia muito de seus ideais. Uma comunidade religiosa, em sua definição estrita, é um corpo social organizado de acordo com um grupo de regras bastante específicas para a vida em comum e para quaisquer atividades que sejam compartilhadas, para o qual os indivíduos são admitidos depois de um noviciado. Os exemplos mais comuns desse tipo de comunidade são os conventos e mosteiros.

Sob esse ponto de vista, como exemplo, nem a comunidade gay, nem a comunidade de negócios poderiam ser consideradas comunidades clássicas como as religiosas, mas é lógico que se instaura nas subjetividades dos sujeitos um sentimento de pertencimento a uma comunidade quando se comunga características e interesses comuns. Nas duas primeiras o que está sendo camuflado como unidade é na realidade um grupo com um interesse específico - um corpo de indivíduos reunidos sem nenhum princípio ou regra comum, mas pelo fato contingencial de terem interesses coincidentes.

Nesse sentido Antunes (2001) define que:

Uma comunidade virtual, portanto, não é experimental indistinguível da real, mas uma forma diferente de agrupamento social. Tampouco ela pretende substituir a experiência original ou dispensa a sociedade material, os ambientes físicos ou contatos pessoais. Ela apenas diminui a importância do ambiente físico, que deixa de ser essencial para se tornar acessório. (ANTUNES, 2001, p. 223).

O fato singular sobre os blogs é que ao contrário do que se possa pensar, eles não são exercícios solitários de escrita sobre a própria vida. À volta dessas páginas se formam verdadeiras comunidades de amigos virtuais e reais, sendo que o virtual aqui é apenas delimitado pela separação entre amigos que estão em cidades distantes. As comunidades podem ser facilmente detectáveis pelos *links* que ligam as páginas entre si, e pela intensidade de comentários pode-se ver que se cativa leitores regulares.

A 'comunidade' que se forma nos blogs é certamente então aquela que Bauman (2001) chama de 'estética', mais frágil, incapaz de compromissos a longo prazo, até mesmo porque é

em grande parte constituída por afeto, cumplicidade, desejo e busca. Isso não faz, porém, que essa comunidade não tenha um caráter ético, político mesmo, uma vez que se revela espaço de resistência, de elaboração de manifestações, estilos de vida, de parcerias e associações com reflexos cotidianos na vida pessoal. Por outro lado, não se pode dizer que uma comunidade dessa natureza integre-se facilmente na reivindicação de direitos no diálogo com as instituições tradicionais do mundo político. Instaure-se, nessa perspectiva a tensão entre a solidariedade afetiva, pontual, e uma outra, política mesmo estratégica, fundada numa imagem coletiva e não meramente individual.

Nesse sentido os blogs são um espaço de intensa representação identitária no âmbito da cultura virtual e, sobretudo seriam eles dentro desse turbilhão de novidades no mundo virtual, um dos mais recentes canais midiáticos no âmbito da rede mundial dos computadores, que expressariam um paradoxo, na medida em que os sujeitos que se encontram isolados ao mesmo tempo em que os utilizam para expressar a hiper-privatização da vida, através da intimidade divulgada ao extremo. Esses sujeitos, por outro lado, também os utilizam para expor suas opiniões sobre muitas questões, na busca por um espaço público de livre expressão no contexto de nossa sociedade dita pós-moderna, mobilizada pelo consumo e pela informação, ou seja, seria a emergência daquilo que poderíamos chamar de ação comunicativa digital numa embrionária esfera pública virtual.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vemos hoje que os analistas sociais têm se voltado, sobretudo para a análise das novas práticas sociais que estão emergindo em setores específicos do mundo das telecomunicações e da informática. A Internet (*Web*), por exemplo, atrai cada vez mais a atenção de pesquisadores como um novo espaço social no qual são gestadas novas formas de comunicação, de pensamento e de convivência. Ao contrário da crítica radical que considera a rede como espaço de isolamento e de alienação defenderia aqui paralelamente, uma vertente de pesquisas que vem sendo produzida, que esse novo meio propicia, sobretudo novas formas de sociabilidade. A Internet nesse sentido então parece ser o espaço em que todos querem se mostrar presentes, dar opiniões, manifestar seus gostos preferências e suas subjetividades. O indivíduo supostamente isolado pela técnica cede lugar ao indivíduo ansioso por manifestar sua individualidade e estabelecer novas relações sociais pelos meios digitais.

Dentre as muitas coisas difíceis de se prever, é dizer até quando os weblogs serão utilizados dessa maneira, pois como sabemos, a rede das redes também funciona por mecanismos de obsolescência e renovação constante, mas o que podemos afirmar é que estes

mecanismos de pesquisa comunicacional existem e estão lá visíveis e acessíveis, disponibilizando a manifestação de discursos polifônicos refletores de muitas questões sociais e, sobretudo das novas formas de mobilizações sócio-culturais no contexto emergente de uma possível cultura política midiática digital.

Assistimos, portanto a uma transformação do espaço público, enquanto instância de comunicação, mas também enquanto espaço de visibilidade pública, para o qual contribuem os blogs, dessa forma estão criadas novas esferas públicas, novos espaços de informação e comunicação, mas, sobretudo enquanto espaço de observação da atualidade.

## 5. REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. **Opinião Pública teoria e pesquisa**. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.
- ANTUNES, Luiz Guilherme. **Cyrano Digital - a busca por identidade em uma sociedade em transformação**. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2001.
- BARBOSA, Elisabete e GRANADO, Antônio. **Weblogs - diário de bordo**. Lisboa, 2004.
- BAUMAN, Zigmund. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O poder da identidade - a era da informação: sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- Discussão sobre o que são weblogs**. [on-line]. Ponto Media. Disponível na Internet: <<http://ciberjornalismo.com/oquesaoweblogs.htm>>. Acesso em 22 nov. 2003.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Teoria de la acción comunicativa**. Vol. I y II. Madrid: Taurus, 1987.
- HOHLFELDT, Antonio e outros. **Teorias da Comunicação**. 2a. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.
- LÉVY, Pierre. **Todos dizem “eu estou aqui”**. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 set. 1997. Caderno Mais, p. 53.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. In: Para navegar no século XXI (org. Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva). Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.
- MARINHO, João. **Jornalismo de Blog - Como uma página pessoal pode se tornar uma fonte confiável de informações**. [on-line]. Disponível da Internet: <<http://www.herege.jo.br>> Acesso em 10 dezembro 2003.

- PAVELOSKI, Alessandro. **Comunicação & Internet: Visões e interpretações**. Bauru:[s.n.] Dissertação de Mestrado. 2003, 188f.
- RÜDIGER, Francisco. **A Escola de Frankfurt**. In: HOHLFELDT, Antonio e outros. Teorias da Comunicação. 2a. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_ **Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação?**São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa, 1993.
- SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Unesp, 1990.
- THING, Lowell. **Dicionário de tecnologia**. São Paulo: Futura, 2003. Weblog, p. 951.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1977.
- TURKLE, Sherry. **Life on the screen: identity in the age of the Internet**. Simon&Shuster, Nova York, United States, 1995.
- WINER, Dave. **The history of weblogs**. Weblogs.com. [on-line]. Disponível na Internet: <<http://newhome.weblogs.com/historyOfWeblogs>>. Acesso em 22 nov. 2003.